



A CRISE MUNDIAL E SEUS EFEITOS

Nesta edição do nosso informativo, publicamos as declarações do Sr. João Elísio Ferraz de Campos, presidente da CNSeg, durante o evento realizado, semana passada, pelo Clube da Bolinha, entidade que reúne profissionais do setor de seguros. Segundo declarou João Elísio: "Não adianta ficar pessimista, pois isso não leva a lugar nenhum. Qualquer pessoa que diga algo sobre o que vai acontecer, está completamente enganada. Nosso mercado não foi afetado até agora porque é regulado e fiscalizado por um conjunto de normas que prezam pela transparência de informação e por fatores que garantem a segurança do contratante". As declarações do presidente da CNSeg vieram a calhar com o brilhante artigo do consultor de empresas e conferencista Stephen Kanitz, que também é colaborador da revista VEJA. O artigo de Stephen Kanitz versa sobre os rumos da economia mundial e seu impacto no Brasil.

É claro que não vamos transcrever, na íntegra, os comentários daquele articulista, mas apenas os pontos essenciais: "Todos estão assustados com esta atual crise e com os rumos da economia mundial. As especulações são muitas, assim como as previsões pessimistas e as comparações com outros momentos da história, como a recessão de 1929. Na contramão de análises apocalípticas. As coisas devem ser vistas com a verdadeira dimensão que elas assumem e, neste caso, isso significa dizer que o cenário real é muito menos caótico do que este que tem sido anunciado".

"Depende de nós mantermos a calma e não nos precipitarmos por medo ou ignorância. Hoje, as principais fontes consultadas e os responsáveis por análises sobre a economia mundial são especialistas que não entendem nada de administração. Eles avaliam problemas, tecem previsões – e são muito bons no que fazem – mas não são capazes em prever medidas corretivas que as próprias empresas hoje em dia são capazes de fazer. Não entendem as estruturas das empresas e, exatamente por isso, não acreditam que elas serão capazes de se adaptar ao atual cenário e resolver os problemas. E são pessimistas com relação ao que os governos são capazes de fazer. Daí o pessimismo é generalizado". E Kanitz prossegue em sua análise: "O pânico que se alastrou no mercado com a crise mundial levou muitos investidores assusta-

dos a liquidarem seus fundos, com declarações como a do diretor geral do FMI que o mundo iria derreter". E logo adianta enfatiza: "O colapso financeiro evidencia também uma espécie de falência da imprensa, especialmente ao que se refere às mídias eletrônicas. A falta de tempo encurta e limita os processos de apuração e o resultado desta urgência são informações equivocadas e previsões errôneas, endossadas pela mídia como realidade. As notícias tornam-se, então, ruídos fomentam o pânico generalizado e acabam por prejudicar a tomada de decisões importantes ao cotidiano de todos".

"Transparência é fundamental neste processo e certas medidas tornam-se importantes para manter a solidez, tais como: Não altere os valores da empresa. Reforce-os. Não centralize atividades. Envolve todos os interessados e distribua tarefas. A tendência de haver brigas corporativas em momentos de crise, é elevada e obviamente prejudicial. Seja fiel ao seu cliente e demonstre sua fidelidade a ele. Vocês estarão juntos nesta crise e não um tentando se aproveitar do outro. É este o momento de manter o comando e demonstrar liderança para superar obstáculos". Já no final do seu artigo, e relativamente aos impactos dessa crise no Brasil, Kanitz esclarece: "Em meio a esta crise, uma coisa deve estar muito clara a todos, definitivamente, o Brasil não é os EUA, é melhor. O país apresenta inúmeras vantagens frente ao gigante norte-americano, sejam financeiras, geográficas ou sociais. Para começar, o setor imobiliário é responsável por apenas 7% dos empréstimos feitos por bancos no Brasil. Nos EUA, este índice é de 40%. Não há subprime no Brasil, o país não está nem perto dessa realidade e, além disso, 50% de seus bancos já são estatais."

"O Brasil goza de independência de petróleo e, diferente da Índia, já realizou sua urbanização. Esta é uma nação imperial, ou seja, cresce sempre no mercado interno, seja qual for a situação para além de suas fronteiras. Por tudo isso, nós, brasileiros, estamos no país certo, no momento certo. Não temos crise e não vamos tê-la enquanto mantivermos nossa competência empresarial. Um futuro de 40 anos fantásticos aguarda o Brasil. Para aproveitá-los, a receita é simples: é preciso manter a calma, assumir a liderança."

:: VESTIBULAR FUNENSEG

A Escola Nacional de Seguros (FUNENSEG) abriu o período de inscrições para o processo seletivo do Curso Superior de Administração com Ênfase em Seguros e Previdência, ministrado no Rio de Janeiro. São 50 vagas, cuja turma será formada no primeiro semestre de 2009. A inscrição, cuja taxa custa R\$ 30, ficará aberta até 13 de janeiro do ano que vem. Cinco dias depois, dia 18, os candidatos serão submetidos às provas do vestibular.

Para o diretor de Ensino e Produtos da instituição, Nelson Le Cocq, as oportunidades que se apresentam aos futuros profissionais são crescentes, principalmente em função da abertura do mercado de resseguro e da entrada de várias resseguradoras estrangeiras. "Em apenas seis meses de mercado aberto, a SUSEP já autorizou 31 empresas para atuarem no País. E com a possibilidade da instalação do Pólo de Resseguro no Rio, as

oportunidades profissionais nessa área se tornarão ainda mais vantajosas", observa.

PROPOSTA. O resseguro é um dos temas que se destacam no conteúdo do curso, que também traz disciplinas relacionadas a risco, contabilidade, direito, economia e marketing, entre outros. "Os alunos da graduação são munidos com vasta bagagem teórica. Nossa proposta é formar profissionais altamente capacitados, aptos para assumirem cargos de alta gestão em empresas e entidades dos mercados de seguros, resseguro, previdência e capitalização", comenta Nelson Le Cocq.

A inscrição para o vestibular da FUNENSEG pode ser feita até 18 de janeiro no hot site do curso (<http://faculdade.funenseg.org.br>) no qual estão disponíveis também o edital, a ementa, o corpo docente e outras informações. (Fonte: Jornal do Comércio – 18/11/08)

:: SEGURO BAGAGEM

Quem planeja viajar para o exterior deve estudar a contratação de um plano de assistência, que normalmente cobre despesas médicas, jurídicas e seguro de bagagem. Mas atenção às letras miúdas do contrato: se a mala for extraviada ou roubada dentro do aeroporto, o passageiro não receberá imediatamente o valor do seguro. Em geral, essa indenização só é paga 30 dias depois, quando a própria companhia aérea reconhecer a perda.

Há dois tipos de indenização. Uma paga o mesmo valor depositado pela companhia aérea. A outra é um complemento de indenização. Se o valor do seguro de bagagem contratado for de US\$ 1,2 mil, por exemplo, e a companhia aérea pagar US\$ 400 pela mala perdida, a seguradora paga mais US\$ 800, completando o valor contratado.

A cobertura por atraso de bagagem é um item à parte no plano de assistência.

Os passageiros costumam confundir o seguro bagagem com essa cobertura por atraso no recebimento da mala. Apenas quem contrata esse item tem direito a um adiantamento para compra de itens básicos, como roupas e produtos de higiene pessoal.

Roubos de objetos de dentro da bagagem não são cobertos por qualquer tipo de plano.

É muito difícil comprovar o conteúdo da mala. Nem mesmo as

empresas aéreas se responsabilizam. Em algumas companhias, é possível fazer a declaração de conteúdo de bagagem, pagando uma taxa complementar. (Veja as orientações do Guia do Passageiro da ANAC)

O pagamento de seguro por cancelamento de viagem também foi muito alto, por causa da volatilidade do dólar e da crise econômica. Agora, ele voltou para os patamares normais. Mas os sinistros por extravio e atraso ainda são os mais comuns. Até porque a quantidade de malas perdidas é enorme. Dados de novembro de 2007 mostram que, só no Aeroporto de Milão, na Itália, havia 20 mil malas extraviadas naquela época.

Um pacote com cobertura de 30 mil euros, por dez dias na Europa, por exemplo, custa cerca de US\$ 110 (ou R\$ 259 na cotação do dólar turismo de 11 de novembro).

Quem for contratar qualquer tipo de seguro deve pesquisar para encontrar um plano de assistência que atenda suas necessidades. Numa empresa brasileira de assistência ao viajante, um pacote de dez dias para Europa - com assistência médica de 30 mil euros por evento, seguro bagagem de 880 euros e cobertura de atraso de bagagem de 145 euros - custa US\$ 57 (R\$ 134,5 na cotação do dólar turismo de 11 de novembro). (Fonte: Fabiana Parajara, O Globo – 19/11/08)



:: RESSEGURO

A quebra do monopólio do Instituto Brasileiro de Resseguros (IRB-Brasil Re) no segmento de resseguros, e a conseqüente entrada de novas empresas, brasileiras e estrangeiras, no mercado, deixou à mostra a carência de mão-de-obra no setor. Com isso, as companhias de resseguros recém-instaladas no País foram buscar contratações em seus próprios clientes: as seguradoras. As empresas buscam executivos para todos os níveis hierárquicos, com salários variando de R\$ 8 mil a R\$ 25 mil. Segundo especialistas, a demanda seguirá aquecida até que o mercado se estabeleça.

Segundo Walter Polido, diretor técnico e jurídico da Munich Re, o panorama é fruto de uma relação de causa e efeito. A carência de profissionais no segmento de resseguros está diretamente relacionada ao monopólio que perdurou por 69 anos no Brasil, afirma. Ricardo Barcelos, gerente da divisão de seguros da Michael Page Brasil, concorda com Polido e acredita que o problema vinha se anunciando há tempos. Antes mesmo da abertura já havia essa preocupação, pois, historicamente, pouco se investiu na formação de novos profissionais, afirma.

A falta de mão-de-obra fica ainda mais evidente quando se descobre que apenas 16 instituições de ensino em todo o País oferecem o curso de ciências atuariais, formação exigida os profissionais que atuam diretamente na atividade fim de resseguros, embora executivos em cargos de direção ou atividades correlatas também tenham, em geral, formação em economia e engenharia.

Para atender a grande demanda por mão-de-obra, as resseguradoras instaladas no País encontram em seus próprios clientes a melhor fonte de bons profissionais. Com a carência do setor, a única alternativa foi buscar mão-de-obra em seus próprios clientes. A idéia é pegar um colaborador com perfil e formação semelhantes ao exigido pelo mercado de resseguros e investir forte

em sua capacitação

O momento atual se assemelha ao processo vivido pelo mercado de ações na década passada. Na ocasião, muitos bancos não possuíam profissionais voltados para as áreas de relacionamento com o investidor (RI) e abertura de capital das empresas, indo buscá-los em outros bancos. A seguir, os submetiam a treinamentos intensivos, às vezes até no exterior, num movimento similar ao que está sendo observado no segmento de resseguros atualmente, acredita.

Por deter durante muitos anos o monopólio de operações de risco de crédito no País, o IRB-Brasil Re tem sofrido bastante com o assédio por seus colaboradores. Apesar das repetidas investidas e da eventual perda de talentos, o presidente do instituto, Eduardo Nakao, acredita que a empresa manterá seu lugar de destaque no mercado.

Tanto os resseguradores cadastrados quanto as corretoras de resseguro estão demandando o know-how dos funcionários do IRB-Brasil Re. Parte de nossos colaboradores pode até aceitar o convite, mas acredito que continuaremos como principal parceiro das seguradoras. Minha crença baseia-se na expertise adquirida ao longo dos anos, no contexto internacional atual, bem como na dedicação que vejo em quem trabalha aqui, afirma. (Fonte: Jornal do Commercio RJ - 14/11/08)



:: PREÇO DO RESSEGURO EM 2009

O setor de resseguro mundial já pode se preparar para um aumento dos preços a partir de 2009. Segundo pesquisa da Risk & Insurance Management Society Inc. (RIMS), organização que reúne cerca de 1,2 mil gerentes de risco das principais empresas americanas, o período de queda das taxas de resseguro parece estar chegando ao fim, depois de quase cinco anos de um período conhecido como soft market.

Quase por unanimidade, os gerentes de risco acreditam que os preços começarão a subir rapidamente, em razão do "caos" da economia mundial, agravando-se em 2009 com a recessão em vários países.

A última pesquisa, referente ao terceiro trimestre do ano, aponta de que os preços de vários tipos de seguros ainda continuam em baixa, mas se percebe uma deterioração

do resultado de subscrição. As seguradoras estão registrando perdas com ativos financeiros e elevação do índice de sinistralidade com as catástrofes naturais, principalmente com os furacões Ike e Gustav, com estimativas de custos de US\$ 20 bilhões. Com isso, a tendência é de agravamento dos preços para recuperar a rentabilidade reduzida pelos fracos resultados de subscrição, perda com investimentos e aumento de indenizações.

A pesquisa aponta de que a média de prêmios de responsabilidade civil neste terceiro trimestre caiu 9,6%. Em bens patrimoniais, a queda foi de 8,5%. Em directors & officers (D&O), os prêmios recuaram 2,1%.

Para representantes do setor, o Brasil também sentirá o aumento das taxas de resseguro, principalmente com a abertura do mercado. (Fonte: DCI - Comércio, Indústria e Serviços - 17/11/08)

:: ENCONTRO NO RIO

O Rio de Janeiro sediará, em 2009, a 16ª Conferência Anual da Associação Internacional de Supervisores de Seguros (IAIS, na sigla em inglês). Segundo o titular da SUSEP, Armando Vergilio dos Santos Junior, o objetivo dos organizadores é realizar "o maior e melhor evento da história da IAIS".

Armando Vergilio adianta que a idéia é focar o debate em torno dos seguros como um meio de desenvolvimento socioeconômico. "Além disso, vamos ter sólidos conhecimentos sobre as soluções adequadas para os desafios atuais da regulamentação, tendo em vista a atual crise financeira mundial. Também será focada a questão dos microsseguros", acrescenta o superintendente da SUSEP.

A IAIS reúne as "SUSEPS" de todo o mundo. No mês passado, foi realizada a 15ª edição do congresso da entidade, em Budapeste, na Hungria. O Brasil marcou presença com uma delegação formada por dirigentes e técnicos da SUSEP e da Escola Nacional de Seguros - FUNENSEG.



Armando Vergilio assegura que a comissão organizadora do próximo encontro conta com o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do ministro da Fazenda, Guido Mantega, e do governo estadual. O respaldo do Governo será fundamental para oferecer a segurança e a logística necessárias.

O secretário estadual de Fazenda, Joaquim Levy, que também participou do evento na Hungria, destacou, na ocasião, a tradição da capital fluminense como anfitriã de grandes eventos. (Fonte: seguros.inf.br - 17/11/08)



:: ROUBO DE CARGA

Seguradoras impõem condições, e preços do frete e da mercadoria sobem. De janeiro a setembro, foram registrados 4.800 roubos de carga em SP. A falta de segurança nas estradas aumenta o custo de quem precisa transportar cargas. Para as empresas, está cada vez mais difícil fazer seguro de produtos e caminhões. Um empresário que teve dois caminhões roubados em estradas do interior paulista calcula um prejuízo de R\$ 500 mil. "É um seguro muito caro o de combustível. Então, a maior parte das empresas não faz seguro", lamenta o empresário, que não quis se identificar. A capital paulista e a região metropolitana responderam por 86% dos casos, que somam mais de R\$ 110 milhões, 7% a mais em relação à soma total dos roubos registrados no estado em todo o ano passado.

Combustíveis, produtos farmacêuticos e eletroeletrônicos lideram a lista de cargas roubadas. Para tentar diminuir o prejuízo, as transportadoras recorrem às seguradoras que têm imposto cada vez mais condições para assumir o risco.

"Ou escolta, ou vigia por helicópteros. Existe o gerenciamento sempre variando de acordo com o grau de risco pela mercadoria transportada", afirma Lourivaldo Batista de Sousa, diretor de uma seguradora.

A proibição da circulação de caminhões grandes durante o dia no centro expandido de São Paulo, maior centro consumidor do país, também entrou no cálculo do preço do seguro. Agora, as entregas precisam ser feitas à noite, horário de maior risco de roubos, o que elevou o valor da tabela.

"Tem de agüentar com os custos, que vão refletir no preço do frete e, conseqüentemente, no bolso do consumidor", diz Muniz Zugaib, presidente do Sindicato das Transportadoras de Carga.

Para diminuir custos, uma transportadora está utilizando veículos menores para fazer as entregas na capital, além de equipar a frota com rastreadores. "Isso faz com que a companhia de seguro consiga oferecer um preço melhor", diz Eraldo Batista, gerente da transportadora.

Para combater roubos na estrada, a Polícia Rodoviária, a Secretaria da Fazenda e os representantes do setor de transporte formaram uma força-tarefa. "Nós colocamos as viaturas em pontos estratégicos das rodovias. Se verificar que ele (o caminhoneiro) está sendo perseguido, acompanhado, não deve continuar sua viagem, deve parar em algum posto de atendimento", orienta a tenente Débora Bueno, da Polícia Rodoviária. (Fonte: G1 - 17/11/08)

:: PRESENÇA FEMININA

A mulher descobriu o mercado de seguros. E esta é a melhor notícia que o setor poderia receber. Dados da FENACOR indicam que é cada vez maior a presença feminina entre os corretores de seguros. No momento, segundo a federação, cerca de 16 mil mulheres integram a categoria. Isso significa que 36% do total de corretores de seguros em atividade no país são do sexo feminino. Há indícios de que as mulheres serão maioria entre os corretores de seguros de todo o Brasil muito em breve. Essa situação já é realidade em cinco estados: Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins e Maranhão. No Amazonas, há um empate: 182 de cada sexo.

O Balanço Social da FENASEG também traz informações interessantes sobre a participação da mulher na indústria do seguro. Em dezembro de 2007, 51,1% dos profissionais do mercado - incluindo executivas e securitárias - eram do sexo feminino. O percentual de participação da mulher chega a 56% nas sociedades de capitalização.

Algumas dessas magníficas profissionais são associadas do Clube das

Luluzinhas, entidade que surgiu em meados da década de 1990, inicialmente denominado "Clube do Tailleur" e que hoje é composto por um grupo de profissionais competentes, com relevante atuação nas suas empresas e no mercado.

Todas essas mulheres, associadas do Clube ou não, contribuem também para a melhoria da imagem da atividade de seguros aos olhos da população. Não é exagero afirmar que tem o tempero feminino a consolidação da tendência de expansão do setor, nos últimos anos.

Afinal, são profissionais que misturam seriedade e firmeza na defesa dos interesses dos seus clientes e ainda suportam, muitas vezes, uma jornada dupla ou até mesmo tripla, pois há quem trabalhe, cuide dos filhos e ainda estuda.

No caso específico das corretoras de seguros, pesquisas recentes demonstram que a presença da mulher é maior entre as faixas etárias mais jovens. Há, por exemplo, mais mulheres que homens entre os profissionais com idade variando de 25 a 30 anos. (Fonte: Clube das Luluzinhas - 18/11/08)

:: NOVAS TÁBUAS ATUARIAIS

Só o conservadorismo para aplicar os recursos é suficiente para proteger o participante? Claro que não, até porque a empresa de previdência é também uma seguradora de vida e há sempre o risco da atividade para ser administrado. No caso da previdência, o risco é a possibilidade de as pessoas viverem mais do que mostram as estatísticas, onerando a seguradora com o pagamento do benefício por mais tempo do que se previa. Já no mercado de seguro de vida, o risco está em morrer mais gente do que o esperado. "Mas a gestão do risco atuarial é nossa especialidade", afirma o presidente da FENAPREVI, Antonio Cássio dos Santos.

Para deixar esse trabalho ainda mais preciso, o mercado está desenvolvendo tábuas atuariais (tabelas com a expectativa de vida da população) que refletem a realidade brasileira e sejam atualizáveis. Hoje, todo o cálculo de prêmios de seguros e benefícios da aposentadoria usa os dados de outros países e são antigos. "O projeto visa minimizar o risco de insolvência do sistema, já que o cálculo será com base em dados mais realistas", diz o diretor da SUSEP, Alexandre Penner. A primeira versão deve ser apresentada até o final do ano.

Vale destacar que os grupos que operam com outros ramos do segu-

ro, como o de responsabilidade civil, mantêm empresas separadas para o negócio de vida e não-vida, afirma Santos, da FENAPREVI.

Capital mínimo é uma das regras. Segundo Penner, da SUSEP, a legislação atual está em revisão a fim de reproduzir o modelo europeu Solvência II. O novo parâmetro de cálculo do capital mínimo levará em conta a atuação das seguradoras com base no risco, entre eles o de subscrição (ocorrência de sinistros como morte e invalidez).

Contudo, na visão do presidente da FENAPREVI, para uma seguradora quebrar no país só se houver uma falha brutal do regulador. Mas, se isso acontecer, o participante deve ter em mente que vai entrar na fila para receber os benefícios. No topo da lista de prioridades está o pagamento de dívidas trabalhistas, seguidas pelos passivos tributários e só depois os beneficiários.

A regulamentação dos fundos "blindados" seria uma alternativa para garantir aos participantes em fase de acumulação o recebimento de suas reservas. Isso porque as contribuições seriam aplicadas num fundo no nome do contribuinte. A SUSEP trabalha com a perspectiva de colocar o tema em audiência pública no início do ano que vem. (Fonte: Valor Econômico - 14/11/08)



AGENDA

- 25/11/2008** - Entrega de Etilômetro no BPRAN - Curitiba - Paraná
- 26/11/2008** - Entrega de Etilômetro no 17º. Batalhão da Polícia Militar São José dos Pinhais - Paraná
- 28/11/2008** - Jantar do Clube da Pedrinha do Paraná Restaurante Galeteria Caxias Avenida das Torres, próximo Per Tutti e Wal-Mart
- 02/12/2008** - Palestra de André Santos (Parceria: SINDSEG-PR/MS, FUNENSEG, SINCOR-PR e CVG-PR) Hotel Bourbon - 18:30 horas